

O PALHAÇO E A CIDADE SITIADA

por Alê Camargo

A cidade sitiada vinha sofrendo ataque após ataque dos seus terríveis inimigos, e já estava no fim de suas forças.

Todos seus heróis já haviam sido dizimados. Todos os homens e mulheres com idade suficiente já haviam se oferecido para defender a cidade, e todos sem exceção já haviam caído.

Pois quando aquela madrugada derradeira se aproximava, e os tambores de guerra tocaram mais uma vez lá fora, e o velho prefeito fez um último apelo desesperado aos habitantes que restavam amontoados e chorosos próximos à praça central, foi o Palhaço o único que se ofereceu, e deu um passo à frente.

Todos observaram chocados quando ele se aproximou da "pilha de armas" - que nada mais era que tudo o que a cidade ainda possuía e que parecia remotamente com objetos perigosos, mas que consistia num triste amontoado de utensílios de arar o campo, brinquedos velhos, instrumentos musicais quebrados e coisas similares - se abaixou, e começou a escolher com lágrimas nos olhos.

Acabou optando por uma espada de madeira pintada, descascando, e que tinha o cabo mais ou menos preso à lâmina sem corte com um triste pedaço de corda colorida. Ele sentiu o peso do adereço nas mãos ossudas, tomou fôlego, endireitou as costas, e sob o olhar atento da multidão silenciosa seguiu na direção do portão da cidade.

O velho Palhaço já vira e ouvira muita coisa, e já havia passado por todos os tipos de situações perigosas e difíceis em sua longa vida. Mas nada o preparava para o pavor que sentiu quando, lá fora, ergueram-se os gritos raivosos dos inimigos. Eram muitos, e estavam num frenesi de raiva, como tubarões sentindo o gosto das primeiras gotas de sangue de sua vítima enfraquecida, e estivessem se aprontando para o ataque final.

E era isso mesmo.

Mas apesar de seu coração aos pulos e sua garganta seca o Palhaço não se afastou do portão. Ele segurou sua espadinha ridícula com ambas as mãos e respirou fundo e aguardou, enquanto a fúria dos inimigos crescia cada vez mais, e os

urros de raiva e as trombetas faziam toda a muralha que cercava a cidade tremer.

E foi então que ouviu a música, e se virou para onde aquele absurdo som fora de lugar e hora estava vindo, e os viu.

Eram um grupo patético. Um deles era o Padeiro, e vinha brandindo uma pá e segurando um caldeirão amassado como se fosse um escudo. Outra era a Professora de Música e trazia na mãos um pesado alaúde, que ela tocava muito bem dadas as circunstâncias. Outro era o Jardineiro armado com um ancinho e uma gaitinha de boca, seguido de perto pela Velha Bailarina, que dançava com uma graça inesperada e levava duas facas de cozinha nas mãos, e as batia uma contra a outra num ritmo intenso.

Alguns poucos outros foram se juntando ao grupo, e quando chegaram perto do Palhaço sua música estava alta, e eles estavam eufóricos e o abraçaram e bateram palmas. E enquanto o sol nascia eles cantaram músicas de outras épocas melhores e contaram histórias e piadas uns para os outros como se aquele fosse um dia de festa, e bateram amistosamente nas costas uns dos outros e choraram um pouco, mas riram ainda mais.

E quando a manhã chegou e o inevitável aconteceu, cada um deles - liderados pelo Palhaço e sua espada de madeira - fez tudo o que podia, e brilhou, e se tornou Lenda.